

RESENHA
ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR: REFLEXÕES SOBRE UM
CASO CLÍNICO SOB A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE DO
SELF

Vera Lúcia Mencarelli¹

O trabalho que me proponho a apresentar ao leitor é aquele que outorgou a sua autora, Jaqueline Soares Magalhães, o título de mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O empreendimento de Magalhães em transformar em uma dissertação de mestrado as reflexões teóricas e metodológicas, fruto de questionamentos emergentes a partir do corajoso e delicado convívio clínico proporcionado pelo atendimento psicoterapêutico da pequena Clara, vítima de abuso sexual doméstico perpetrado por seu próprio pai, antes de nos enriquecer profissionalmente, nos acrescenta em humanidade. O que lemos nas cuidadosas e, extremamente, claras páginas escritas por Magalhães supera em muito a serventia restrita aos limites acadêmicos, constituindo-se em leitura oportuna a todos aqueles que compartilham o desejo de poder ver atenuado o intenso sofrimento decorrente da infeliz experiência de instalação da violência em meio intrafamiliar.

A autora nos conta que conheceu "Clara" aos 5 anos, em uma instituição - uma ONG - dedicada aos cuidados de vítimas de violência doméstica e acompanhou-a durante 2 anos e 4 meses, período no qual procurou formular maneira própria de ir ao encontro das necessidades existenciais da garota. Sua tarefa, compreendida por ela mesma como inacabada, exigiu-lhe enorme criatividade para contornar os limites impostos pela precariedade de recursos materiais, para lidar de maneira pertinente com a complexidade da intersecção da problemática emocional com as questões da justiça e da lei, com as características próprias da instituição. Os limites e alcances da inserção do trabalho psicoterápico, psicanaliticamente fundamentado, nestas condições não deixaram de ser foco de atenção de suas reflexões

¹ Psicóloga, Psicanalista, Pesquisadora do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social *Ser e Fazer* do Instituto de Psicologia da USP, Mestre pelo mesmo Instituto sob orientação da Prof^a Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, Membro da Rede Municipal de Saúde de Santo André para os cuidados às vítimas de violência sexual, Membro da Equipe Multiprofissional do Ambulatório de Moléstias Infecciosas e Programa DST/aids de Santo André, Membro Efetivo do NEW – Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

compartilhadas com o leitor. É assim que ficamos sabendo que a instituição tem sua atividade amparada na estrita observância do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente -, promulgado pela premente necessidade de fazer valer os princípios básicos de proteção ao ser humano em desenvolvimento, o que, infelizmente, como nos observa Magalhães, revela a não apropriação por completo de tal atribuição humana em algumas famílias.

Magalhães escolhe justamente a história da pequena Clara, pois julga que este é um caso emblemático de abuso sexual doméstico, trazendo em seu bojo a convergência de elementos e fatores que habitualmente aparecem dispersos na mesma problemática vivenciada por outros, levando, portanto, ao extremo o número de considerações teóricas de todas as ordens que se fazem necessárias: Clara presencia o assassinato da mãe pelo padrasto, passa a viver com o pai que espanca freqüentemente o irmão e mantém relações sexuais com ela e, enfim, é recolhida em abrigo juntamente com o irmão em função do pai ter perdido seu direito de guarda devido ao não acato da determinação judicial de tratamento que visava modificação da conduta lesiva às crianças.

É esta trágica paisagem existencial que a autora habitará com o intuito de transformar-se em elemento significativamente importante para nutrir de presença humana, lastro para vida a ser experienciada como real e não mais caótica e absurda como era, até então, a incipiente vida de Clara, cuja agonia máxima apresentava-se na dissociada conduta de rir um riso louco, desconectado da realidade, aparentemente sem sentido. Este riso invadia eventualmente as sessões e a alma de sua psicoterapeuta, comunicando com terrível eficácia os terrores da queda nas angústias impensáveis, no experimentar o abismo do colapso da integridade do *self* (Winnicott, 1963/1994).

Não tenho dúvidas de que o trabalho de Jaqueline Magalhães com Clara proporcionou-lhe o afastamento das defesas psicóticas que perigosamente rondavam as fronteiras de seu ser. É à luz dos desenvolvimentos psicanalíticos winnicottianos que a autora procurou compreender o universo de sua pequena paciente, tateando a procura de ações interventivas. Muitas vezes em seu texto, com grande honestidade, declara o que avaliou ser um procedimento inadequado de sua parte. Porém, o que vemos brotar na generosa exposição de algumas das sessões, que julgou mais significativas, é exatamente a emergência de sua personalidade, de características reais de si

mesma. Assim assistimos ao presentificar-se de uma psicoterapeuta que acredita ser necessária a indicação de limites concretos, de regras para que Clara possa organizar-se internamente e sentir-se protegida pelo conhecimento do ambiente que se lhe mostra às claras, com previsão de acontecimentos.

Desta forma acompanhamos a princípio a apresentação do falso *self* da menina, lentamente dando lugar à emergência do verdadeiro *self* (Winnicott, 1960/1990) que, no entanto, virá com os elementos vivenciais que o compõe e exigirá de Magalhães suportar assistir a reprodução metafórica de uma das cenas mais contundentes da dramática da vida de Clara: a violação pelo pai.

É a partir da visitação a esta cena, acompanhada de sua psicoterapeuta, na qual a garota violenta simbolicamente a própria boneca que a espontaneidade, ainda que trágica, instala-se no campo clínico. A partir daí conheceremos uma Clara muito inteligente, dura consigo mesma, excessivamente auto-crítica, com falta de confiança no ambiente, com interesse nas diferenças sexuais, emburrada quando contrariada, mandona, eventualmente agressiva e destrutiva, com sentimentos de desesperança, intolerante a críticas construtivas, aversiva ao contato físico afetivo, etc. Também é a partir daí que conheceremos uma psicoterapeuta que insistirá em sua presença humana que, com a distinção de traços só seus, permitirá o surgimento em sua pequena paciente de potencialidades inibidas pelas adversidades vividas.

Comovente é a sessão narrada na qual assistimos pela primeira vez ao gesto afetivo de Clara que demonstra encontrar, enfim, confiança no ambiente que lhe acolhe. Especialmente triste naquele dia, Clara agride violentamente sua psicoterapeuta que, por intermédio de um boneco, insiste em demonstra-lhe verdadeira preocupação por seus sentimentos. Magalhães sobrevive ao ataque, e é capaz de oferecer-se em seguida como colo concreto procurado por Clara que se manterá em seus joelhos em profundo silêncio por mais de dez minutos (Winnicott, 1951/1975).

Acompanhada de Winnicott, Jaqueline Magalhães compreende as condutas de sua paciente como a emergência da esperança na modificação do ambiente, a partir do reconhecimento de que seu “sofrer” advém da falha do mesmo e não de si própria. Assim, Clara testava a capacidade do novo ambiente oferecido suportar as verdadeiras expressões de seu *self*

que incluíam a raiva associada ao fracasso do ambiente anterior (Winnicott, 1950/1999).

A autora ainda nos apresenta em seu trabalho uma revisão das contribuições psicanalíticas referentes à questão do abuso sexual intrafamiliar, o incesto. Lembra-nos que a tradição psicanalítica, centrada na problemática edipiana, privilegiará como foco de atenção a dimensão desejante daquele que vivenciou esta experiência, atribuindo o trauma, exatamente, na sobreposição da realidade interna – do desejo edipiano – e da realidade externa, na concretização do incesto.

No entanto, é a própria Jaqueline Magalhães que dirá:

Cabe ressaltar, entretanto, que compreendo a situação de abuso sexual intrafamiliar como uma questão que ultrapassa a sexualidade e as questões a esta relacionada. A questão edipiana está presente, de forma deturpada, mas não me parece a única e, em alguns casos, como vejo no de Clara, pode não ser a questão central. Com isto, quero pontuar as questões mais regredidas ou primitivas, relacionadas ao self e à sua constituição. A invasão sofrida no abuso sexual intrafamiliar pode prejudicar estágios de desenvolvimento anteriores a fase edípica, quando não há ainda um self totalmente constituído...(Magalhães, 2003, P. 122)

Este é a meu ver o aspecto central do trabalho ora apresentado: a compreensão do abuso sexual à luz da psicanálise do *self* como uma invasão brutal na dimensão corporal do núcleo do *self*, aqui, com Clara, ainda em desenvolvimento. Ressalta-se, portanto, a situação de violência ao sentimento de si mesmo e não, tão somente, ao comprometimento da dimensão sexual.

É por intermédio desta compreensão que Jaqueline Magalhães pode, como psicoterapeuta de Clara, orientar-se para conduzi-la à retomada de seu desenvolvimento emocional interrompido. Auxiliada por um acontecimento externo - o convívio de Clara com uma família “solidária”², a qual a levava para casa nas férias e feriados - Magalhães pode ver o trabalho por ela iniciado revestir-se de esperanças de que sua pequena paciente possa encontrar dias melhores na companhia da família

² Segundo nos explica a autora, a “família solidária” oferece-se para possibilitar um convívio saudável para as crianças abrigadas, porém, sem perspectivas de adoção.

da tia materna que a adotou judicialmente, encerrando de maneira inesperada o convívio de ambas.

Por intermédio da apreciação dos desenhos de Clara, oportunamente distribuídos por toda obra, podemos contemplar, de maneira expressiva e diferenciada, seu caminhar para o desenvolvimento ou reencontro de aspectos mais saudáveis de seu si mesmo. Não podemos deixar de nos unir a Jaqueline Magalhães nos votos de que os “jardins plantados”, metáfora presente nos procedimentos expressivos adotados pela dupla, possam de fato florescer. Que a vida seja mais afortunada com a pequena Clara:

*Ela acordou e foi plantar jardim...é pra depois ela
foi por água nas flor e elas cresceram. Depois ela
procurou um pai e uma mãe. Ela não tinha. Achou o
pai dela e a mãe (Clara, CAT).*

BOOK REVIEW: INCEST ABUSE: REFLECTIONS ON A CLINICAL HISTORY CASE – A SELF PSYCHOANALYSIS STUDY

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAGALHÃES, J. S. *Abuso sexual intrafamiliar: reflexões sobre um caso clínico sob a perspectiva da psicanálise do self*. 2003. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.
- WINNICOTT, D.W.(1950). A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta de vida familiar.In: _____. *Privação e delinqüência*. Trad. Álvaro Cabral, 3.a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 195-213.
- WINNICOTT, D.W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.
- WINNICOTT, D.W. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 128-137.
- WINNICOTT, D.W. (1963). O medo do colapso (Breakdow). In: _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 70-75.